

CONFERENCE ON ACCESS TO KNOWLEDGE AND INFORMATION IN THE SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES. NEW YORK, 1972. **Access to the literature of the social sciences and humanities.** New York, Queens College Press, 1974. 199 p. \$12.50.

As Ciências Sociais e as chamadas Humanidades colocam para a Documentação problemas muito mais complexos do que os das ciências exatas e naturais. Os documentos — matéria-prima da Documentação — são muito mais variados em Humanidades e Ciências Sociais do que nas ciências da natureza física e biológica. Enquanto nestas predominam textos — suscetíveis de classificação em apenas três categorias: memórias originais, notas prévias e exposições sobre o estado atual de um assunto ou problema — nas Ciências Sociais e nas Humanidades proliferam documentos de outros gêneros — ensaio, ficção, poesia, drama, etc. — e até de outras naturezas: iconográficos, fonográficos, cinematográficos, museográficos (objetos), arquivográficos (manuscritos) etc.

Além disso, a informação registrada em documentos de interesse para as Ciências Exatas e Naturais é, pelo seu caráter unívoco, facilmente codificável para fins de “armazenagem e recuperação”, o que não ocorre com as Ciências Sociais — cuja imprecisão conceitual começa com sua própria denominação e acaba em palavras como “cultura”, “estrutura”, etc. — e, muito menos, em áreas como a Filosofia, a Teologia, a Mística, a Literatura, a Música, as Artes Plásticas.

Mas longe de constituir-se num obstáculo, tal complexidade tem sido um aliciante desafio aos pesquisadores, cujo trabalho vem sendo recentemente facilitado pelo crescente inter-relacionamento entre cultura científica e cultura humanística. Já em 1950, ao organizar sua décima quinta reunião anual, a Escola de Biblioteconomia da Universidade de Chicago incluiu na abordagem temática de problemas bibliográficos, não apenas as Ciências Naturais, mas também as Humanidades e as Ciências Sociais. **Bibliographic Organization**, editada por Jesse H. Shera e Margaret E. Egan (Chicago, University of Chicago Press, 1951) terá sido uma obra pioneira neste sentido. Outra pioneira foi a documentalista inglesa Barbara Kyle, cujos artigos estão, infelizmente, esquecidos.

Para debater problemas de acesso à informação tanto nas Ciências Sociais como nas Humanidades, o Departamento de Biblioteconomia do Queens College, da City University of New York, promoveu em abril de 1972 uma conferência cujos trabalhos estão reunidos na obra coletiva aqui comentada. O texto — prefaciado pelo professor Morris A. Gelfand e com introdução assinada por ele e pelo pro-

fessor Robert A. Colby — divide-se em cinco partes: I — Considerações teóricas; II — Acesso ao conhecimento e à informação em Humanidades; III — Acesso ao conhecimento e à informação em Ciências Sociais; IV — Exame geral e implicações; e V — Pesquisas necessárias no futuro. O volume inclui ainda listas de colaboradores e participantes e um índice. Gráficos, fotografias e facsímiles ilustram o texto com exemplos de **software** e **hardware** no processamento da informação em Ciências Sociais.

Cada uma das quatro partes iniciais reúne as comunicações e resumos dos debates por elas suscitados. A parte V contém considerações conclusivas daquele que é também autor de uma das melhores contribuições à conferência: o bibliotecário inglês Maurice B. Line.

Os professores Gelfand e Colby souberam equilibrar, na organização da conferência — equilíbrio que se manifesta, conseqüentemente, no texto da obra — considerações teóricas e exposições de caráter prático a respeito de indexação e resumo com aplicação de equipamento eletrônico.

Embora a conferência tenha aludido às Humanidades e às Ciências Sociais, estas foram muito melhor contempladas que aquelas. Deve-se esclarecer, a propósito, que a contribuição do Dr. Walter S. Achtert intitula-se “Abstracting and bibliographic control in the modern languages and literature”, título, evidentemente, muito mais restrito do que o indicado no sumário: “Abstracting and bibliographical control in the Humanities”. Mesmo os autores de comunicações cujos títulos falam de Humanidades tratam menos destes do que de Ciências Sociais, em geral.

Não faltam, entretanto, experiências de aplicação de computadores na “armazenagem e recuperação” da informação de interesse para as Humanidades. Dom Jacques Froger ocupou-se do assunto em artigo publicado pela revista **Diogenes**, da UNESCO (v. 52, p. 52-100, outubro/dezembro de 1965). E existe todo um volume da **Revue Internationale de Philosophie** dedicado ao tema “Études philosophiques et Informatique” (v. 103, fascículo 1, 1973).

Infelizmente, os bibliotecários de língua inglesa costumam ignorar, com raras exceções, o que se publica em francês sobre assuntos como este. E por causa dessa ignorância, vários deles estão caindo no ridículo de se considerarem introdutores de conceitos e inventores de palavras já consagradas em língua francesa. O inglês Alan Pritchard, por exemplo, considera-se criador da **bibliometria** (cf. **Journal of Documentation**, v. 25, n. 4, p. 348-349, December 1969), certamente por desconhecer que a palavra apareceu em 1934, no **Traité de Documentation** de Paul Otlet (p. 13-16).

Na introdução da obra, os professores Robert A. Colby e Morris A. Gelfand anunciam com grande júbilo que a Dra. Ilse Bry introduziu, em sua comunicação, o conceito de **sociobibliografia** (p.7). A comunicação da ilustre editora do **Mental Health Book Review Index** é uma das melhores do volume, mas sua pretensão de prioridade na conceituação da **sociobibliografia** é — lamento dizê-lo — infundada. O verbete que escreveu para a **International Encyclopedia of the Social Sciences** (v. 7, p. 326-331) é de 1968. Ora, quem primeiro teorizou sobre o assunto foi o inglês J. D. Bernal, em seu livro **The Social Function of Science** (1939); o primeiro estudo sociobibliográfico parece ter sido o do francês Victor Zoltowski — “Les cycles de la création intellectuelle et artistique” — publicado em 1955 no volume de **L’Année Sociologique** correspondente a 1952 (p. 163-206). E de 1967 é a obra monumental em que Abraham Moles estuda exaustivamente o que a Dra. Ilse Bry chama de **sociobibliografia** e para o professor de Estrasburgo é **Sociodinâmica da Cultura**. Diga-se de passagem que ao inventariar as mais significativas pesquisas sociobibliográficas, no já citado verbete da **International Encyclopedia of the Social Sciences**, a Dra. Ilse Bry omitiu importantes contribuições como as de Louis V. Xhignesse, Charles Osgood e Derek J. de Solla Price, todos citados por Abraham Moles.

Com tais reparos não quero negar nem diminuir a importância da comunicação apresentada pela Dra. Ilse Bry, que alia ao saber teórico de seus editoriais no **Mental Health Book Review Index** o conhecimento prático demonstrado como editora desta utilíssima publicação. Todos os trabalhos incluídos na obra merecem leitura e meditação. Trata-se de valiosa contribuição aos estudos e pesquisas sobre Documentação em Ciências Sociais.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados — Universidade de Brasília

MOLES, Abraham A. **Sociodinâmica da Cultura**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo, Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 336 p. (Col. Estudos, 15)

Tenho elogiado e citado tantas vezes esta obra que certamente me repetirei ao comentar sua recente tradução para a língua portuguesa, na qual já se encontram outras obras do autor, como **Teoria da Informação e da Percepção Estética** (Tempo Brasileiro,